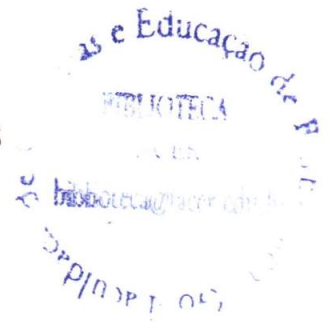


DILZA MARIA SILVA MORAES



Liberdade em Santo Agostinho

Rubiatoba – 2002.

DILZA MARIA SILVA MORAES



Liberdade em Santo Agostinho

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

Rubiataba – 2002.

10

S-40270

Tombo nº.	7341
Classif.:
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	27.05.03



*Não devemos ser escravos de
um padrão, de uma época, de
um costume. Aprendendo a
pensar por nós mesmos,
experimentamos a liberdade.*

Luiz Márcio M. Martins

Dedicatória

Dedico primeiramente àquele que peço forças, para sempre atingir com eficiência os objetivos de Deus.

Com profundo sentimento de gratidão dedico-lhes meus eventuais méritos, pois ao amor que meu esposo me dispensou ao ficar com nossos filhos sem minha companhia. Muito me ausentei para aos estudos dedicar-me e obter êxito, pois com sua compreensão e incentivo que encontrei o equilíbrio necessário para concluir meus estudos.

Sei que vocês vêm com alívio o fim desta etapa, e que também estão muito felizes.

A meus queridos e dedicados filhos Geraldo Neto e Ana Paula, garantias que a humanidade tem para desfrutar de um futuro mais igualitário e fraterno.

A meus pais, familiares e mestres que me ensinaram o verdadeiro sentido último da vida, através do amor, do bem e da verdade pelo exemplo de suas vidas, irmãos e cunhadas.

Agradecimentos

Meus agradecimentos aos meus colegas pelas observações carinhosas e bem humoradas, pelos conselhos, pelo consolo, pela crítica, pela coletividade que sobreviveu a esse intercâmbio que nos leva a um mútuo enriquecimento.

No respeito e na essência do seu modo de existir individualmente e no esforço que cada um fez para aceitar o outro com suas particularidades.

As decepções, as derrotas, o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para mostrar o caminho certo. Por isso, confiamos, temos fé e encontramos o caminho da sabedoria não tendo medo de errar e procurando sempre.

Foram tantos os momentos em que desfrutamos os maravilhosos direitos que Deus nos deu de manifestar a alegria através do riso. Esquecendo-nos das dificuldades que porventura surgia no dia-a-dia.

Tornamo-nos fortalecidos com um convívio de sólidas amizades o que deu suporte para cada um chegar ao fim do curso com o devido mérito.

A Deus

“Quanto mais nos aproximamos do saber, mais torna-se concreta a certeza da vossa existência, pois a sabedoria é uma conquista que eternamente buscamos e ela está em nós.

Nenhum louvor é tão perfeito para agradecer a vossa presença em nossas vidas”.

Sabemos que Deus está presente em todos os nossos pensamentos e ações, ele nos guia pelos nossos caminhos e está sempre a nos amparar ao deparmos

com os momentos difíceis transformando-os em vitórias e em forças para vencermos estes obstáculos, pois é somente através dessa certeza e fé que seremos livres e felizes.

A Deus que incomparável e inconfundível na sua infinita bondade, compreendeu os nossos anseios e nos deu necessária coragem, para atingir o meu objetivo.

*“Se um dia já homem feito e realizado sentires
que a terra cede a teus pés;*

Que tuas obras desmoronam;

*Que não há ninguém a tua volta para te
estender a mão;*

*Esquece a tua maturidade, passa pela tua
mocidade, volta à tua infância e balbucia entre lágrimas
e esperanças, as últimas palavras que sempre te restarão
na alma: minha mãe, meu pai”.*

— Rui Barbosa —

Pai, mãe:

“De vocês recebi o dom mais precioso: a vida”.

Tantas foram às vezes que meu cansaço e preocupação foram sentidos e compartilhados por vocês, com seu jeito singular cheio de generosidade me deram sempre as mãos me fortalecendo para que tomasse meu caminho e prosseguisse.

Portanto esse mérito eu divido com vocês.

Meus sinceros agradecimentos: Obrigada!

Agradeço ainda àqueles que com sua presença, companhia, sorriso, as suas palavras e que até mesmo na ausência, foram expressões de força, de amor profundo, sempre me transmitindo segurança para que alcançasse meus objetivos. Esposo, filhos e familiares.

Aos Mestres

“Ser mestre não é apenas lecionar.

Ensinar não é só transmitir matéria.

Ser mestre é ser instrutor e amigo, guia e companheiro, é conhecer o aluno.

Passo a passo, é transmitir a esses, os segredos da caminhada.

Ser mestre é ser exemplo; dedicação, de doação, de dignidade pessoal e, sobretudo, de amor.

Meu carinho e gratidão aos mestres que souberam além de transmitir seus conhecimentos, transmitir-me sua experiência e apoio em minhas dificuldades.

O meu muito obrigada a vocês professores, que guiaram para além das teorias e das práticas.

Suas lições incluíram compreensão, amizade me fizeram ter consciência do valor da luta”.

Sumário

Introdução.....	01
-----------------	----

Capítulo I

Vida.....	05
Patrística.....	09

Capítulo II

Principais Obras.....	12
Confissões.....	13
A Cidade de Deus I.....	15
A Cidade de Deus Contra os Pagãos II.....	17

Capítulo III

Conceitos de Liberdade.....	21
-----------------------------	----

Capítulo IV

A Lei e a Liberdade para os Filósofos.....	25
O Livre arbítrio.....	27
O Fator livre.....	27
O Fator arbítrio.....	27

Liberdade e Escravidão.....	28
A Liberdade segundo Sartre.....	29

Capítulo V

Considerações Finais.....	33
A Liberdade.....	35
Liberdade Comunicacional.....	35
Liberdade, Igualdade e Fraternidade.....	37
Direito e Liberdade.....	38
Apêndice.....	41
Santo Agostinho jovem.....	42
Santo Agostinho na vida religiosa.....	43
Santa Mônica.....	44
Conclusão.....	45
Referências Bibliográficas.....	47

Introdução

No decorrer deste trabalho monográfico consta de V capítulos cujo tema bastante atraente “A liberdade em Santo Agostinho”.

Santo Agostinho nasceu em Tagaste, hoje Souk-Aras, no dia 13 de novembro de 354. Seu pai era pagão, na contrapartida sua mãe foi Santa Mônica, teve que rezar muito para que seu filho convertesse ao cristianismo aos 34 anos de idade.

Desde muito cedo, com apenas 15 anos era estudioso já se fazia notória a extraordinária inteligência que possuía. Aos 19 anos de idade leu *O Hortêncio* de Cícero, uma obra na qual se fazia elogios à filosofia, esta leitura o despertara para que um dia se tornasse um filósofo fundador de idéias e defensor da fé e da religião em busca do pensamento teológico na filosofia.

Estudou em Tagasta, Madaura e Cartago e foi bispo de Hipona. Foi professor de retórica em Roma e Milão, onde se fez batizar em 387, após ouvir os sermões de Santo Ambrósio. Foi nomeado bispo aos 42 anos, tendo morrido em 28 de agosto de 430, aos 76 incompletos.

Teve fundamental importância para o cristianismo.

Este santo é pensador. E é como pensador que, desde sempre, está conosco. Ele cumpre nas Confissões uma caminhada de libertação da verdade é radicalmente simples.

Do cristianismo Santo Agostinho se ocupou na Cidade de Deus e da Crisandade tratou nas Confissões. Em ambas nos faz experimentar os caminhos da libertação na história da verdade.

A caminhada até Deus é a sua verdadeira liberdade.

Um estado ou condição na qual o homem se encontra na qual poderá agir segundo sua própria determinação e manifestar sua religião ou as convicções nas quais acredita.

Escolhi o tema Liberdade porque é um assunto interessante, sugestivo e que precisa ser estudado e analisado, pois somente com profunda reflexão não será mais confundido com libertinagem como tantos fazem deturpando seu verdadeiro sentido.

No terceiro capítulo, fala da liberdade para alguns filósofos a que é antes de tudo e principalmente libertar-se da escravidão do pecado, da ordem cultural, econômica, social e política. É uma constante luta interior, e a liberdade está dentro de cada homem, e só será alcançado com muito esforço mental e muito raciocínio enfim, é agir de acordo com sua razão.

Sempre que se investiga o homem transcende-se o próprio homem, e se chega ao mesmo ponto, só se é feliz quando se atinge a libertação da verdade.

Ao buscar sua liberdade Santo Agostinho a encontra em Deus.

É próprio da natureza humana, realizar, praticar e viver sempre se inclinando naturalmente para Ele que nos fez sua imagem e semelhança, se viemos por Ele e para Ele que iremos.

I

Capítulo

Vida

“Supérfluo dos ricos é propriedade dos pobres”.

— Santo Agostinho —

Aurélio Agostinho¹ nasceu de pai pagão e mãe cristã no dia 13 do mês de novembro do ano 354 d.C. em Tagaste, uma pequena cidade de Numíde, na longínqua África romana que hoje faz parte do Sur Alvias na atualmente Argélia, foi educado na escola de catecumenato, não foi batizado. Adolescente aos 16 anos foi encaminhado para iniciar os estudos de eloquência. Mas na cidade, o gênio desregrado de Agostino envolveu-o em paixões amorosas e no ócio pelo jogo e pelo trabalho. Aurélio Agostinho veio a falecer no dia 28 do mês de agosto do ano de 430 d.C. em Hipona, vivendo então 76 anos de luta e dedicação ao cristianismo, foi um dos maiores pensadores da igreja na época patrística.

Santo Agostinho era filho de uma santa. Sua mãe, Santa Mônica, deve ter rezado muito para que Deus iluminasse o filho, um jovem amante da amizade, que vivia em rodas boêmias e devassas, na cidade africada de Tagaste, onde havia nascido. O rapaz, cuja inteligência brilhante já chamava atenção, converteu-se aos 34 anos e tomou-se bispo da cidade de Hipona. Por isso é conhecido como Agostinho de Hipona. Além de pastor, Agostinho foi reconhecido como um intelectual extraordinário.

Junto com outras unidades, como São Jerônimo e Santo Ambrósio, foi um dos famosos “Pais da Igreja”: as mentes privilegiadas para ajudarem a forjar as bases da recém-nascida Igreja Católica.

¹ Enciclopédia Mirador Internacional, p 223.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

Ante os adultos, revela como “um menino de grandes esperanças” com inteligência clara e coração inquieto, impulsivo e veemente, se entrega com afinco aos estudos e aprende toda a ciência do seu tempo.

Africano, pela lei do solo romano pela cultura e língua e cristão por educação.

Pode ser considerado o mestre da espiritualidade ocidental. Tendo morrido em 28 de agosto de 430 aos 76 anos incompletos, sendo festejado neste dia todos os anos.

Pertencente a família na qual tinha o pai Patrício, homem de recursos, porém era pagão, mundano, tinha também uma pequena propriedade de terra, este se converteu ao cristianismo nos últimos anos de sua vida.

Porém sua mãe Mônica era uma fervorosa cristã, que sempre manteve esperanças na conversão de seu amado filho.

Agostinho até seus 32 anos levou uma vida desregrada e de libido sem censura, converteu-se e, passou então a dedicar seus últimos anos aos estudos, tendo sua formação cultural na língua latina e baseando-se nos autores latinos, falava cartaginês ou púnico além do latim, fez os estudos secundários e iniciou os estudos superiores em Madauro. Estudou retórica em Cartago.

Aos 19 anos de idade leu *O Hortêncio* de Cícero (hoje só se tem fragmentos) que era um elogio a Filosofia, esta leitura despertou-lhe o desejo de maior conhecimento. Chega a ser brilhante professor de retórica em Cartago, Roma e Milão. Nessa época Agostinho adere ao maniqueísmo (corrente Maniqueu) no qual lhe deu a forma mais perfeita do cristianismo, satisfazendo então suas exigências intelectuais.

Em 383 se viu desiludido com o maniqueísmo aproximou-se do cepticismo temporariamente.

Depois de ter ensinado retórica em Cartago e Roma, foi nomeado professor no ano de 384 em Milão. Onde teve a honra de conhecer Santo Ambrósio o então bispo daquela cidade. Por volta desta época, tomou-se para ele verdadeira revelação de um mundo espiritual no qual Deus era fonte de todo o bem e a realidade total.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

Renunciou a todos os prazeres mundanos, depois de uma grande luta interior e retirou-se para Cassiciocum, perto de Milão, para meditar onde também recebeu o sacramento do batismo com a benção do tão admirado por ele, o bispo Ambrósio, no ano de 387 juntamente com seu amado filho Adeodato.

Agostinho atraído pelo ideal de recolhimento resolve fundar um mosteiro na cidade de Tagaste.

Na viagem, em Óstia, morre sua querida mãe, e dois anos depois já na África também morre seu filho. Dirigindo-se para Hipona, no início do ano de 391, onde foi ordenado a sacerdote e, quatro anos mais tarde é ordenado a bispo. Mesmo sendo ordenado bispo, Agostino não abriu mão do ideal de vida monástica, fundando uma comunidade que foi modelo e um centro de irradiação religiosa.

Santo Agostinho participou de um momento crucial da história, a decadência do império romano, o fim da Antiguidade clássica.

*A morte não é nada.
Apenas passei ao outro mundo.
Eu sou eu. Tu és tu.
O que fomos um para o outro ainda o somos.
Dá-me o nome que sempre me deste.
Fala-me como sempre me falaste.
Não mudes o tom a um triste ou solene.
Continua rindo com aquilo que nos fazia rir juntos.
Reza, sorri, pensa em mim, reza comigo.
Que o meu nome se pronuncie em casa como sempre se pronunciou.
Sem nenhuma ênfase, sem rosto de sombra.
A vida continua significando o que significou,
continua sendo o que era.
O cordão da união não se quebrou.
Porque eu estaria fora de teus pensamentos,
apenas porque estou fora de tua vista?
Não estou longe,
somente estou do outro lado do caminho.
Já verás, tudo está bem...
Redescobrirás meu coração
E nele redescobrirás a ternura mais pura.
Seca tuas lágrimas e,
se me amas,
não chores mais².*

² Pedro, SIND, *Vida de Santo Agostinho*, <http://www.google.com.Br/>

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

Em 410 ele é testemunha chave da tomada de Roma pelos visigodos de Alarico.

Ao morrer em 430 presencia o sítio de Hipona Genserico, rei dos vândalos e a destruição do poderio romano na África do Norte. Esse mundo convencionado por lutas internas, onde proliferam as heresias e os cismas.

Santo Agostinho prendado de caráter extraordinário simpático, exerceu uma atração irresistível sobre seus contemporâneos. Seu símbolo é um coração em chamas e o olhar voltado para as alturas.

Agostinho exerce o magistério sacerdotal e escreve suas obras:

Santo Agostinho tem em seu acervo uma vasta coleção em obras das quais as principais foram:

I_ O período do Cassiciano caracterizado pelos escritos de caráter filosófico:

_ Contra os Acadêmicos;

_ A vida feliz;

_ A ordem;

_ Os soloquios;

_ A imortalidade da alma (este escrito em Milão);

_ A quantidade da alma, (escrito em Roma, em 388).

Em Tagaste (388-391) foram compostas as obras: O Mestre e a Música.

II_ A sua obra-prima dogmática-filosófica-teológica é a Trindade (399-419).

III_ A sua obra-prima apologética é a Cidade de Deus (413-427).

IV_ Os escritos exegéticos de maior destaque são: A Doutrina Cristã (329-426), os Comentários literais ao Gênesis (401-414), e os Comentários a João (414-417), e os Comentários aos Salmos.

V_ Das obras contra os maniqueístas pode-se recordar: Sobre os costumes da Igreja Católica e os costumes dos Maniqueus (388-391/395). A verdadeira religião (330) e sobre os Gênesis contra os Maniqueus (398).

VI_ Dentre os escritos contra os donatistas: Contra a Epístola de Parmeniano (400), Sobre o batismo contra os donatistas (401) e Contra Gaudêncio, bispo dos donatistas (419-420).

Liberdade em Santo Agostinho
Dika Maria Silva Moraes

VII_ Pertencem aos escritos polêmicos anti-pelagianos: O espírito e a letra (412), Sobre a Gesta de Pelágio (417) e a Graça de Cristo e o Pecado Original (418).

VIII_ Duas obras inauguraram gêneros literários novos: As confissões (397), que é uma verdadeira obra-prima também do ponto de vista literário e as retratações (426-427) em que Agostinho reexamina e ratifica algumas teses contidas em sua produção anterior, que não estavam ou não lhe pareciam perfeitamente alinhadas com a fé cristã.

Teve como lugares mais importantes em sua vida:

Tagaste • cidade natal • início dos estudos • primeira experiência como professor de gramática • primeiro mosteiro agostiniano.

Madaura • educação secundária.

Cartago • estudos superiores: artes liberais e retórica • primeira experiência como professor de retórica • sede de muitos concílios que participou como bispo • fundação de um mosteiro agostiniano.

Roma • capital do Império Romano • cátedra de retórica • lugar de repouso depois da morte de sua mãe.

Milão • residência do Imperador • cátedra oficial de retórica no palácio imperial • lugar da sua conversão e batismo.

Óstia Tiberina • porto marítimo de Roma • êxtase • morte e sepultura de sua mãe.

Cassicíaco • vila perto de Milão • lugar de retiro em companhia de seus amigos antes do batismo escreve vários tratados filosóficos em diálogo com seus amigos.

Hipona • sede diocesana de Agostinho onde foi ordenado Sacerdote e depois Bispo. Fundou três mosteiros; onde morreu e foi sepultado.

Patrística

No período de decadência do Império Romano, expande o Cristianismo e surge no século II a.C. a filosofia dos Padres da Igreja ou Patrística³.

³ Giuseppe STACCONE, *O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus*, p 50.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

Indica-se com este nome a filosofia cristã dos primeiros séculos. Consiste na elaboração doutrinal das crenças religiosas do cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra as heresias. A Patrística caracteriza pela indistinção entre religião e filosofia. Para os padres da Igreja, a religião cristã é a expressão íntegra e definitiva da verdade que a filosofia grega atingira imperfeita e parcialmente. Com efeito, a Razão (logos) que se faz carne em Cristo e se revelou plenamente aos homens na sua palavra é a mesma que inspira os filósofos pagãos, que procuram traduzi-la em especulações. A Patrística costuma ser dividida em três períodos:

O Primeiro_ que vai mais ou menos até o século III, é dedicado a defesa do Cristianismo contra seus adversários pagãos e agnósticos (Justino, Taciano, Atenágoras, Teórfido, Irineu, Tertuliano, Minúcio Félix, Cipriano, Lactâncio).

O Segundo_ período que vai do século III até aproximadamente a metade do século IV, é caracterizado pela formação doutrinal das crenças cristãs; é o período dos primeiros grandes sistemas da filosofia cristã (Clemente de Alexandria, Gregório de Nissa, Santo Agostinho).

O Terceiro_ período que vai da metade do século V até o fim do século VIII, é caracterizado pela reelaboração e pela sistematização das doutrinas já formuladas, bem como pela ausência de formações originais (Nemésio, Pseudo-Dionísio, Máximo Confessor, João Damasceno, Marciano, Capella, Boécio, Isidoro de Sevilha Beda, o Venerável).

A herança da Patrística foi recolhida, no início do renascimento carolíngio, pela Escolástica.

No período de decadência do Império romano, quando o cristianismo se expande, surge a partir do século II a filosofia dos Padres da Igreja, conhecida também como Patrística. No esforço de converter os pagãos, combater as heresias e justificar a fé, desenvolveram a apologética, elaborando textos de defesa do cristianismo. Começa aí uma grande aliança entre fé e razão que se estende por toda a Idade Média e em que a razão é considerada auxiliar da fé e a ela subordinada. Daí a expressão agostiniana "*Credo ut inteligan*".

Liberdade em Santo Agostinho
Dilva Maria Silva Moraes

O principal nome da Patrística é Santo Agostinho. Agostinho retoma a dicotomia platônica referente ao mundo sensível e ao mundo das idéias e substitui esse último pelas idéias divinas. Segundo a teoria da iluminação, o homem recebe de Deus o conhecimento das verdades eternas: tal como o sol, Deus ilumina a razão e torna possível o pensar correto.

II

Capítulo

Principais Obras

“Quem sabe reinar bem, sabe viver”.

— Santo Agostinho —

Confissões

*S*ó conhece as profundezas da existência quem deixa tudo, aquele para quem tudo desapareceu e se viu a sós com a verdade.

Para Santo Agostinho compreender um homem e a palavra de sua realização só consegue quem ama a ponto de sustentar-lhe o empenho pela libertação da verdade. A caridade tudo crê, sobretudo entre os que ela unifica, ligando-os entre si¹.

O cristão é convocado para dar este passo durante toda a vida. É neste sentido que Santo Agostinho cumpre nas Confissões uma caminhada de libertação. Libertar-se é simples, será então investigar a verdade através de uma viagem com uma visão do invisível, descobrindo aos poucos o quanto estamos imersos no movimento e mergulhados no processo de nossa libertação: “O homem mergulha em seu passado utiliza recursos em busca de realizar o hoje²”.

Santo Agostinho é acima de tudo um pensador e é desta forma que está sempre no meio do ser humano. Em suas Confissões ele está sempre em busca de sua libertação. Nas peripécias de sua vida, não luta para chegar a si mesmo apenas a sorte individual de um homem extraordinário do final do século IV e início do século V, mas o

¹ Santo Agostinho, *Confissões*, p16.

² Idem, p17.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

destino histórico do homem de sempre. Pois o modo como se dá a libertação da verdade é radicalmente simples. Tão simples que cansa e exaure todas as pretensões. Libertar-se será, então investigar a verdade, viajando por dentro de seus vestígios nas vicissitudes das realizações do real.

Aquela imersão e o mergulho constituem o desafio histórico do homem de amanhã, empenhado com os recursos de ontem em novas tentativas de realizar um hoje melhor. Pois o desafio de uma história nunca se descarta virando-se as costas e refugiando-se na ideologia³.

O desafio histórico da libertação nunca se exaure e por isso retorna sempre de novo. A questão decisiva é se o homem está ou não disposto o suficiente, se é ou não desprendido o bastante para assumir e praticar atitudes e atos. Honrar, portanto, o pensamento das Confissões, isto é, do pensador Agostinho, que todos de alguma maneira não são, nem tem a partir de seu pensamento fundamental.

Será que as indicações de que as Confissões são uma caminhada de libertação, serve de escafrando para não cair na tentação de pretender esgotar ou mesmo de chegar à profundidade do pensamento fundamental de Santo Agostinho que é a busca da verdade através da libertação em Deus.

Todas as vezes que se investiga o homem, transcende-se o próprio homem e se atinge o que é mais poderoso e vital do que ele mesmo, o saber, o processo de libertação na verdade: "Assentava-me e permanecia em longo silêncio e ninguém interrompia pois, era meu aplicado e exaustivo trabalho⁴". As investigações do pensamento, as peripécias da história, os percalços da existência, desde seu ponto de partida e de acordo com seu vigor, já se acham além do homem, já se lançaram alguém da vontade e seu livre-arbítrio, já ultrapassaram todo o querer dos indivíduos e se jogaram no movimento de libertação da verdade de Deus. É este o sentido que Santo Agostinho desenvolve ao longo das Confissões.

Esta obra faz de Santo Agostinho um precursor de Descartes, Rousseau e o existencialismo. Acredita na verdade contida nos números, que fazem parte da natureza.

³ Ibidem, p18.

⁴ Op. Cit., p118.

Cidade de Deus I

Para tratar do confronto da Cristandade com a história, Santo Agostinho escreveu de 413 a 426 sua obra de maior influência. *De Civitate Dei* – A Cidade de Deus é uma bela interpretação do mundo à luz da fé cristã. Trata-se da primeira teologia e filosofia da história. A história humana é a história da salvação dos homens. O fenômeno histórico do Cristianismo dispõe de instituições e ritos, é ordem e repressão, tem império e poder, mas tudo isto a serviço da economia da salvação.

A Cidade de Deus, parte I de Santo Agostinho se origina da invasão e o saque de Roma, em 410, por Alarico, rei dos visigodos. Nesta tarefa gastou longos 13 anos, pois se via extremamente atarefado com seus importantes afazeres.

A concepção das duas cidades encontra sua base na reflexão agostiniana dos dois amores. A vida humana se desenrola entre dois amores, duas forças: um terrestre e outro espiritual e celeste. Entre estas duas forças, ou dois amores se desenvolve a vida humana. Será que esta mesma dinâmica não acontece também na história? Pergunta-se o santo. A resposta parece ser positiva e, por isso, Agostinho passa para os acontecimentos da história o mesmo drama que se dá no indivíduo: dois amores fundaram pois, duas cidades, a saber: o amor próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena o amor de Deus, o celestial gloria-se a primeira em si mesmo e a segunda em Deus: “Por isso, ardendo em zelo pela casa de Deus, resolvi escrever estes livros da Cidade de Deus contra suas blasfêmias ou erros⁵”.

A Cidade de Deus defronta com uma verdadeira floresta de temas e assuntos, onde prevalecem: uma apologia da religião; uma enciclopédia da cultura antiga e uma interpretação da história. Encontra-se: teologia, filosofia, política, apologética e história. Um dos estudiosos de Santo Agostinho escrevia a respeito desta obra:

⁵ Santo Agostinho, *Cidade de Deus I*, p 25.

Liberdade em Santo Agostinho

Dilva Maria Silva Moraes

A obra supera certamente todas as outras pela variedade, pela multiplicidade e pela amplitude dos argumentos; pela erudição histórica e científica, pela magnificência do estilo: pela robustez, agudeza e finura dos raciocínios; é a obra-prima não para o povo comum, mas para os pensadores e os que buscam as mais altas e sublimes razões que tornam persuasivas e bela a fé cristã⁶.

Santo Agostinho tem sempre um desafio em sua companhia em seus esforços, é o desafio da vida de todo cristão: libertar o homem em si e nos outros das lutas pela independência para a liberdade da fé e as obras da graça.

Quando a fé liberta a vida, não se presta atenção nas pessoas dignas nem se procuram homens fiéis. Os superiores são como os galhos mais altos das árvores e os inferiores são como os animais da floresta. Honestos e sinceros, os homens nem têm idéia de que são cumpridores de seus deveres. Amam-se uns aos outros, sem saber quem é o próximo nem imaginar que estão cumprindo o maior de todos os mandamentos. Não enganam ninguém e não se têm em conta de pessoas confiáveis. Convivem na liberdade de dar e receber e não se sentem generosas. Pode-se fiar deles e ignoram o que seja fidelidade⁷.

A Cidade de Deus se reúne na e pela originalidade da Fé que somos em nossos empenhos de realização e desempenhos de libertação.

A vida da fé não é um problema para ser resolvido, mas um mistério para ser vivido. Santo Agostinho lembra, povoando o homem em sua liberdade: "não volta para fora, volta-se para dentro. É no interior do homem que mora a verdade".

A verdade não é para escravos. O escravo já renunciou à liberdade da verdade, ao escolher o poder, a riqueza ou a fama para amo o senhor. A verdade é daqueles que nunca cessam de libertar-se da escravidão para a liberdade de uma verdade redentora.

"A liberdade dos filhos de Deus" não é algo que se dá e acontece conosco e nos atinge e afeta, como seres humanos em nossos empenhos de realização. A liberdade da fé é um dom gratuito dentro de um empenho de conquista.

⁶ Idem, p 78.

⁷ Ibidem, p 317.

A Cidade de Deus contra os Pagãos II

Esta extraordinária obra de Santo Agostinho teve origem parece ter um fato bem específico: a invasão e o saque de Roma, em 410, por Alarico, rei dos visigodos.

Esta obra trata-se da origem, desenvolvimento e fins devidos das duas cidades, a saber, da terrena e da celestial. Neste livro Agostinho prova, em primeiro lugar, que as origens das duas cidades remontam à distinção entre anjos bons e anjos maus. Discorre também sobre a criação do mundo, segundo a descrição das Sagradas Letras no princípio de Gênesis.

O objeto do livro é o fim devido à Cidade de Deus, quer dizer, a eterna felicidade dos santos. Dá-se solidez à fé na ressurreição dos corpos e explica-se em que consistirá. Termina com exposição sobre a vida dos bem-aventurados em seus corpos imortais e espirituais.

Santo Agostinho faz oposição entre sensível e inteligível, alma e corpo, espírito e matéria, bem e mal e ser e não ser. Acrescenta a história à filosofia, interpretando a história da humanidade como o conflito entre a Cidade de Deus, inspirado no amor a Deus e nos valores que Cristo pregou, presentes na Igreja, e a Cidade humana, baseada nos valores imediatos e mundanos. Essas cidades estariam presentes na alma humana, e no final a Cidade de Deus triunfaria.

Sejam quais forem as causas corporais ou seminais na geração, mediatizada pelos homens, anjos, por quaisquer outros animais, ou seja, união carnal do homem e da mulher, e seja qual for o poder dos desejos e dos movimentos da alma da mãe, para no feto imprimir determinados traços ou cores, as naturezas impressionadas desta ou daquela maneira, não as faz senão o soberano Deus⁸.

Seu amor por Deus é tamanho que expressa toda grandiosidade em seus escritos:

Não amo a formosura corporal, nem a glória temporal, nem a claridade da luz tão amiga destes meus olhos, nem as dores das canções de todo o gênero, nem o suave cheiro das flores, dos perfumes ou dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão flexíveis aos abraços da carne. Nada disto amo, quanto amo o meu Deus. E contudo, amo uma luz, uma voz, um perfume, um

⁸ Santo Agostinho, *Cidade de Deus contra os pagãos*, p 91.

Liberdade em Santo Agostinho

Dilza Maria Silva Moraes

alimento e um abraço, quando amo o meu Deus. Luz, voz, perfume e o abraço do homem interior, onde brilha para a minha alma uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não arrebatou, onde se exala um perfume que o vento não espalha, onde se saboreia uma comida que a sofreguidão não diminui, onde se sente um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo, quando amo meu Deus⁹.

Santo Agostinho como filósofo na apologia da fé da religião busca com fervor e muita intensidade o pensamento teológico na filosofia.

Considerando que a religião ou as convicções religiosas, para quem as prefere, constituem um dos elementos fundamentais em sua concepção de vida e que, portanto, a liberdade de religião ou de convicções deve ser integralmente respeitada e garantida, pois, é essencial que haja uma promoção à compreensão, à tolerância, principalmente ao respeito nas questões relacionadas com a liberdade de religião e de convicções e assegurar que não sejam aceitas críticas infundadas.

A liberdade de religião deve contribuir também na realização dos objetivos da justiça social e amizade entre os povos e à eliminação das ideologias ou práticas do colonialismo e da discriminação racial e outras diversas formas de discriminação, enfim deve contribuir para que haja a paz mundial.

Toda pessoa tem o direito de liberdade de pensamento, de consciência e de religião e, de manifestar sua religião individualmente ou coletivamente, em público ou em lugar privado.

Obviamente ao manifestar sua própria religião estará sujeito a certa exclusão, restrição ou preferência fundada no conceito de religião de cada um, cujo fim ou efeito seja abolição ou reconhecimento e gozo do exercício de igualdade dos direitos humanos fundamentais à liberdade.

Sabemos que a prática da religião nos educa, é benéfico à saúde mental e física, bem como para o desenvolvimento integral do ser humano, este argumento na minha concepção é irrefutável.

Santo Agostinho conclui que, aquele que deseja ter a grandeza da liberdade insere junto a ela a felicidade, pois ambos estão extremamente ligados, pertencem ao mesmo universo.

⁹ Carlos Augusto B. NELESSEN, Vida e obra de Santo Agostinho, <http://www.yahoo.com.br/>

Liberdade em Santo Agostinho
Dilva Maria Silva Moraes

Ser livre é viver aquilo que Deus criou da nossa própria natureza. ser livre é realizar, praticar, viver a nossa inclinação natural para a comunhão com Deus.

A liberdade para Santo Agostinho é a graça é a libertação do livre-arbítrio, assim como a iluminação é a libertação da mente. Essa graça, que não substitui a razão, não anula a liberdade de fazer o bem, pelo contrário evita fazer o mal. O amor de Deus é infinito e a graça e a liberdade contemplam-se mutuamente.

Quando pecamos, a nossa lama fica carregada, presa a matéria ao corpo, porém o certo seria o contrário. Nossos sentidos correspondem as ações exteriores, a alma não. Somente Deus é fonte perfeita de conhecimentos e não o homem. O místico elimina a iluminação divina.

As verdades eternas são alcançadas, e o intelecto pensa corretamente e usando a razão com divindade plenamente e aflora a multiplicidade do amor infinito de Deus e encontra a total e completa liberdade.

III

Capítulo

Conceitos de Liberdade

*“Com o amor ao próximo, o pobre é rico;
sem este amor, o rico é pobre”.*

— Santo Agostinho —

O conceito estabelece uma distinção de liberdade no sentido cosmológico e prático.

Do conceito prático de liberdade se funda na idéia transcendental da mesma, expressa principalmente a dimensão especulativa. Por outro lado, o conceito prático diz respeito propriamente às ações humanas.

Felicidade como autodeterminação ou autocausalidade, segundo a qual a liberdade é ausência de condições e de limites. Liberdade como necessidade, que se baseia no mesmo conceito da precedente, a autodeterminação, mas atribuindo-a à totalidade a que o homem pertence. Liberdade como possibilidade ou escolha, segundo a qual a liberdade é ilimitada e condicionada, isto é, finita. Não constituem conceitos diferentes as formas que a liberdade metafísica, liberdade moral, liberdade política, liberdade econômica etc, em torno da liberdade são dominadas pelos três conceitos em questão, aos quais, portanto, podem ser remetidas as formas específicas de liberdade sobre as quais essas disputas versam.

É livre aquilo que é causa de si mesmo. Embora a análise aristotélica do voluntarismo das ações pareça recorrer ao conceito da liberdade finita, a definição de voluntário é a mesma liberdade infinita: voluntário é aquilo que é princípio de si mesmo. Aristóteles começa afirmando que a virtude o vício dependem de nós; e prossegue; “Nas coisas em que a ação depende de nós a não-ação também depende, e nas coisas em que podemos dizer não também podemos dizer sim. De tal forma que, se realizar

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

uma boa ação depende de nós, também dependerá de nós não realizar má ação”. Para Aristóteles significa que o homem é o princípio e o pai de seus atos, assim como de seus filhos. De fato, só para quem tem em si mesmo seu próprio princípio, o agir ou o não agir depende de si mesmo. Para os movimento voluntários da alma não se deve procurar uma causa alheia, pois o movimento está em nosso poder e depende de nós, nem por isso é sem causa, visto que sua causa é sua própria natureza.

Os estóicos admitiam que eram livres as ações que têm em si mesmas causa ou princípio. Só o sábio é livre, e todos os malvados são escravos, pois liberdade é autodeterminação.

Análogas ocorrem em *De libero arbitrio* Santo Agostinho. Em outro trecho ele diz: somente sente que a alma se movimenta por si só quem sente em si a vontade. Alberto Magno dizia que era livre o homem que é causa de si e que não é coagido pelo poder de outro. São Tomás de Aquino, o livre-arbítrio é a causa do movimento porque pelo livre-arbítrio o homem determina-se a agir. S. Tomás¹ acrescenta que, para existir liberdade, não é necessário que o homem seja a primeira causa de si mesmo, como de fato não é, pois a primeira causa é Deus. Mas a Primeira Causa não impede a autocausalidade do homem.

Maine de Biran afirmam: a liberdade ou a idéia de liberdade, tomada em sua fonte real, nada mais é que o sentimento que temos de nossa atividade ou desse poder de agir, de criar o esforço constitutivo do eu.

Mas exatamente por se tratar de uma escolha, na medida em que é feita, essa escolha geralmente indica outras tantas como possíveis. A possibilidade dessas outras escolhas não é explicitada nem proposta, mas é vivida no sentimento de injustificabilidade e expressa na absurdidade da minha escolha, conseqüentemente do meu ser.

No Estado, a liberdade é realizada objetiva e positivamente. Isto não significa que a vontade subjetiva do indivíduo ser realize através da vontade universal, que seria, portanto, um meio para ela; significa que a vontade universal se realiza através dos cidadãos, que nesse aspecto, são seus instrumentos.

¹ Jostein GAARDNER, *O mundo de Sofia*, p 53.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilxa Maria Silva Moraes

O arbítrio do indivíduo não é liberdade a liberdade que é limitada é o arbítrio referente ao momento particular das necessidades. Essa coincidência entre liberdade e necessidade, que leva a atribuir a liberdade apenas ao Absoluto ou à sua realização no mundo do Estado, por um lado passou a caracterizar todas as doutrinas de cunho romântico e por outro foi utilizada, fora do âmbito de tais doutrinas, na defesa do absolutismo e estatal e na recusa do liberalismo político.

Afirma Platão que a maior parte das almas escolhe de acordo com os costumes da vida anterior. A situação mítica aqui ilustrada é de liberdade finitiva, de escolha entre possibilidades determinadas e condicionadas por motivos determinantes.

A intenção da doutrina de Locke é clara: tende, por um lado a garantir o determinismo dos motivos, negando o livre-arbítrio como a causalidade da vontade, e por outro a garantir a liberdade do homem contra o determinismo rigoroso. A lei natural do homem consiste em estar livre de poderes superiores sobre a terra, em não estar submetido à vontade ou à autoridade legislativa de ninguém e em possuir como norma própria apenas a lei natural. A liberdade do homem em sociedade consiste em não estar sujeito a outro poder legislativo além do estabelecido por consenso no Estado, nem ao domínio de outra vontade ou à limitação de outra lei além da que esse poder legislativo tiver estabelecido de acordo com a confiança nele depositada. No Estado natural a liberdade consiste na possibilidade de escolha limitada pela norma natural, que é uma norma de reciprocidade, seguindo a qual deve se atribuir aos outros as mesmas possibilidades atribuídas a si mesmo.

IV

Capítulo

*A Lei e a Liberdade
para os Filósofos*

“A certeza dada pela luz divina é maior do que a que é dada pela luz da razão natural”.

— Santo Agostinho —

Um dos primeiros conflitos vividos pelas comunidades cristãs dizia respeito à atitude a ser assumida diante da Lei e das tradições hebraicas. O próprio Jesus viu-se obrigado a defender a liberdade diante dos fariseus e doutores da Lei: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo de hortelã, de endro e do caminho, mas omiteis as coisas mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade”. “Vós sois os que querem passar por justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações; o que é elevado para os homens, é abominável diante de Deus”. São retomou esta mesma batalha num outro contexto, porém com a mesma veemência.

Numa espiritualidade evangélica não deve jamais considerar a Lei como critério absoluto de comportamento, e sim como função para uma adequada opção de liberdade. A Lei reflete o passado e condensa as riquezas acumuladas pela experiência de inteiras gerações, contudo não consegue expressar as exigências novas do Espírito, que somente uma fidelidade livre de condicionamentos sabe discernir.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

O Livre Arbítrio

O homem foi criado para participar da felicidade de Deus. Para ser feliz é mister que se possa gozar o bem desejado; para gozá-lo é preciso que se possa atingi-lo; e para atingi-lo requer-se um ato de assentimento ou afirmação. Ora, o poder de assentir implica a liberdade. Por isso homem foi dotado de uma vontade livre, a que cabe decidir de sua salvação ou perdição eterna. Como vimos acima, o que o capacita a participar de Deus é precisamente esta sua vontade livre; pelo que a liberdade constitui a essência mesma a imagem de Deus no homem.

O livre arbítrio é uma estrutura complexa que, além dos fatores "livre" e "arbítrio", contém dois outros aspectos, relacionados a outras potências da alma.

O Fator Livre

A vontade consiste essencialmente no poder de consentir ou dissentir. Onde há vontade, ali há liberdade: liberdade da necessidade (*libertas a necessitate*) ou, em vista da incompatibilidade entre liberdade e constrangimento, liberdade da coação (*libertas a coactione*).

A liberdade da necessidade e da coação é um privilégio inseparável da vontade; encontra-se da mesma maneira em todos os seres dotados de vontade: nos homens, nos anjos, em Deus; igualmente, os santos e os pecadores. Nem mesmo o pecado, pois, é capaz de anulá-la. Por este motivo o próprio pecador continua a ser uma imagem de Deus.

O Fator Arbítrio

O segundo fator constitutivo do livre arbítrio é uma energia espiritual. O "arbítrio" envolve conhecimento e julgamento. A vontade é apta a julgar seus próprios atos, isto é, a decidir de sua bondade ou malícia.

Por isso o livre arbítrio não é apenas autodeterminação livre, mas também auto-julgamento, dado que o ato volitivo, enquanto ato de um ser racional, vem sempre

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

acompanhado de um ato cognitivo. Este poder de auto-julgamento inere ao próprio livre arbítrio, e por isso é inamissível.

A “*libertas consilei et complaciti*”

O livre arbítrio é, portanto, a liberdade da necessidade e da coação que estão sempre presentes onde quer que haja uma vontade que se julgue a si mesma; entretanto, há duas outras liberdades que embora deveriam acompanhar o livre arbítrio, são, contudo facilmente amissíveis. Pois nem tomamos a reta decisão e, nem sempre nos regozijamos no que é objetivamente reto.

Como se vê, a estrutura do ato molitivo é bem mais complexa do que poderia parecer à primeira vista. A decisão da vontade é precedida de uma espécie de reflexão sobre se algo deve ser feito ou não, bem como de um ato de agrado ou desagrado. Aquela consiste na ponderação dos motivos, e este é o efeito da atração ou da repulsa que os motivos exercem sobre o sujeito; a decisão final, por sua vez, procede de um ato livre da vontade.

Liberdade e Escravidão

O homem é imagem de Deus pelo *liberum consilium* e o *liberum complacitum*, esta pode ser perdida, aquela não. Só a posse de todas estas liberdades, porém o torna verdadeira e perfeitamente livre. A perda do *liberum consilium* e do *liberum complacitum* ocasionada pelo pecado original, reduziu o homem à condição de escravo.

Mas como pôde ele perder aquelas liberdades? A princípio o homem era naturalmente livre de toda coação, e sobrenaturalmente isento do pecado e da miséria. Mas, infelizmente, ele abusou de sua liberdade. Tal abuso foi possível porque as duas formas superiores da liberdade – em oposição à liberdade fundamental do livre arbítrio – são possíveis de certa gradação. Com efeito, cada espécie de liberdade admite pelo menos dois graus. Assim a *libertas consilii* que consiste na reta avaliação das coisas, e portanto, na liberdade do pecado, pode significar:

- a) a impecabilidade (*non posse peccare*), que é própria de Deus, dos anjos e dos bem-aventurados;

Liberdade em Santo Agostinho

Dilva Maria Silva Moraes

b) o poder de não pecar (*posse non peccare*), e este é o grau inferior da *libertas consilii*. Semelhantemente, a *libertas complaciti* comporta um grau superior: o não-poder-sofrer (*posse non turbari*). Ainda que o homem só possua o grau menos perfeito dessas liberdades, a sua posse lhe assegura uma posição privilegiada entre a totalidade dos seres vivos. Graças à sua vontade livre, ele é o único ser capaz de alcançar uma genuína vitória, pois a liberdade não lhe foi dada para pecar, mas para triunfar do pecado.

Todavia em conseqüência do abuso da liberdade, o homem perdeu a liberdade do pecado e da miséria; o poder de não pecar e não sofrer transformou-se na impossibilidade de não pecar e não sofrer.

Só lhe fica o poder de livre decisão. Onde a sua condição de escravo do pecado e devedor da morte.

Pela queda, o livre arbítrio se vê na presença de uma razão em desacordo com a vontade, e de uma vontade em desacordo com a razão. Despojada da semelhança com Deus, fonte da sua dignidade sobrenatural e descaído de sua antiga nobreza, o homem terminou por condenar-se ao exílio e à solidão da *regia dissimilitudinis*.

A Liberdade segundo Sartre¹

A existência precede a essência (a liberdade do homem era como uma maldição). O homem está condenado à liberdade, porque foi atirado ao mundo, passa a ser responsável por tudo o que faz inclusive criar seu projeto existencial ser é escolher se somos indivíduos livres e a nossa liberdade nos condena a tomarmos decisões durante toda a nossa vida. Não existem valores ou regras eternas das quais podemos nos guiar. E isto torna mais importante nossas decisões e escolhas. Por isso não podemos negar nossa responsabilidade pelo que fazemos; se o fizer estaremos refugiando na inversidade. Se somos livres somos levados a agir de forma a ter uma existência autêntica e verdadeira.

¹ Jostein GAARDNER, *O mundo de Sofia*, p 79.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilva Maria Silva Moraes

Sartre diz que “a vida deve ter um sentido” ser vivermos e agirmos tomando decisões eticamente estaremos vivendo verdadeiramente uma existência consciente pois sentimos e percebemos àquilo que nos é importante, logo somos verdadeiros.

As tentativas abordadas de sufocar a liberdade sob o peso de ser tentativas que se desfazem ao surgir de súbito a angústia ante a liberdade demonstram o suficiente que a liberdade coincide em seu fundo com o nada que está no âmago do homem. O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar.

O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente sempre livre, ou não o é.

Para Elizabeth Haich, uma pessoa pertence unicamente a si mesma. Ela é um ser livre com direito inalienável de autodeterminação.

Nascemos livres. Entretanto, a sociedade e nós mesmos criamos mil cadeias para nós. Mas, dentro de nós, dependendo de nossa própria vontade, podemos ser sempre livres, mesmo que aprisionados por grilhões.

Se a liberdade é uma ânsia tão profunda de nosso ser, ela não significa, como tantos pensam, fazer qualquer coisa, como quando e onde se quiser. Isto tem outro nome: licenciosidade.

A liberdade liga-se ao poder de decisão, de escolha. Este é o bem precioso que não conseguimos admitir que alguém nos tire.

Todos temos um projeto fundamental de vida. E queremos ser livres para realizá-lo. E é na sua execução que exercitamos a liberdade porque o caminho sempre terá percalços, encruzilhadas, nos obrigará a renúncias, enfim, nos dará mil oportunidades de decidir o que fazer para perseguir o ideal.

Parece contraditória, mas muitos homens temem a liberdade. Não sabem o que fazer com ela. Preferem ser escravos. Isto porque o outro lado da moeda chama-se responsabilidade.

A liberdade é espaço de vida, um espaço em branco, onde devemos agir, querer, pensar, realizar. E assusta a muitos...

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

A liberdade é reconhecida, atualmente, não só como um princípio de valor fundamental, tanto moral como politicamente.

Ela não pode estar separada da ética existe em toda parte onde existem escolha e querer.

A liberdade é a verdade existencial e o tema central que comandam a vida ética em sua integridade. É quando o indivíduo está mais exposto do que nunca à insegurança do singular, porque entra mais profundamente em seu interior insondável e na solidão da escolha e do compromisso: coloca-se apenas diante de si (e de Deus...).

A dinâmica da vida é, pois a dinâmica da subjetividade substanciada na liberdade.

O sentido mais profundo da questão da liberdade é que ela não existisse, o homem se mistura com a natureza, não se diferenciaria das coisas, pois estaria inteiramente submisso ao determinismo. Ser-sujeito é ser-livre: somente com base nesta idéia é que se pode entender a liberdade da ação humana e discutir-se este tema.

O homem pertence a si mesmo, é um “eu”, uma pessoa; por conseguinte, só pode ser compreendido como autônomo, com certa independência de ser.

É lógico que não existe e nem pode existir uma liberdade absoluta, porque os sujeito não é uma subjetividade isolada: o “eu” se põe em relação, existe, é intencional, é situado. Como auto-afirmação, o “eu” é a positividade do ser.

Sartre exprime a prioridade da ação humana e, portanto, sua liberdade, por sua caracterização do existencialismo: “A existência precede a essência”.

Ele conclui que o homem é o que faz de si mesmo (já que não acredita em forças superiores). Analisando com lógica, veremos que o filósofo não deixa de ter razão, pois o homem é uma coisa e, portanto, há uma prioridade de sua subjetividade, que implica, logicamente, a liberdade, o livre-arbítrio.

Ser livre nem sempre significa alcançar o ideal, mas autodeterminação para querer e escolher. Daí se conclui que o filósofo concebe o sujeito como intencionalidade, assim como livres os seus projetos, execuções e ações. A ação livre do homem, significando que ele sabe o que faz, supõe que essa ação precede uma decisão.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

Agir humanamente implica agir com liberdade, assim ela vai nos aparecer, como um dever, algo que de qualquer forma, deve ser conquistada para que sejamos plenamente humanos.

A história da conquista da liberdade é eterna porque sempre uma forma de libertação faz surgir novas formas de libertação.

Existem sistemas que ameaçam à liberdade.

Para Marx, é o trabalho que faz o homem ser homem.

Heidegger chamou a atenção para o “esquecimento do ser”. A mentalidade tecnocrática cria novas formas de escravidão. E como vivemos em uma cidade tecnocrática, este é um tema que merece bastante atenção e reflexão. Até onde a técnica está a nosso favor? Em que ponto começa a ter poder sobre nós? Se os meios de produção da própria técnica estão nas mãos de poucos, até onde seremos realmente livres? Mudar, entretanto, o poder de mão não significa necessariamente, liberdade, como pensava Marx, porque as novas mãos podem ser de indivíduos também sequeiros de poder, sem sentimento de fraternidade. A liberdade, portanto, do ponto de vista social, só pode ser filha do amor.

Hoje todos nós estaríamos contaminados por um egoísmo extraordinário e isso não é liberdade: liberdade significa aprender e exigir apenas de si mesmo, não da vida dos outros, e saber como doar: significa “sacrifício em nome do amor”.

Capítulo

Considerações Finais

*“Falar com Deus é mais importante do
que falar de Deus”.*

— Santo Agostinho —

Partindo do conceito de liberdade podemos constatar que a mesma está intimamente ligada à faculdade de cada ser humano de decidir e de agir segundo sua própria determinação. É essencialmente o estado ou a condição que o indivíduo se encontra, ou seja, é um estado natural do ser humano.

A liberdade, antes de tudo deve ser vista com responsabilidade. A responsabilidade de nossos atos é fator sumamente importante para que possamos fazer jus a “essa liberdade”. Liberdade é o direito de “errar”, acertar e pensar sozinho, liberdade, desconhece que a solução de seus problemas estão dentro dele mesmo.

A liberdade não está inerente ao homem ele não nasce com ela, se a quiser terá que desenvolver habilidades e capacidade para conquistá-la tendo assim o poder dominando-a e superando-a.

Ser livre não significa não errar, não trair, significa ser fiel e ser autêntico consigo mesmo e possui harmonia interior.

Como seres humanos pensantes dotados de um intelecto temos o poder de conquistar, merecer ou até mesmo de perder a liberdade, neste contexto podemos dizer que a consciência crítica e o livre arbítrio muito nos poderá auxiliar de forma que alcancemos a liberdade segundo a nossa razão, pois, se sou guiado pela razão sou livre.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

Para uma maior probabilidade de alcançar a tão almejada liberdade¹ devemos ter um projeto existencial de vida seguindo ou obedecendo às leis gerais. Leis estas que se as escolhermos para obedecê-la, seremos livres ao obedecer.

Somos responsáveis pelo que fazemos, por nossas decisões, se vivermos, e agirmos tomando decisões eticamente estaremos vivendo a grandeza extraordinária da verdadeira liberdade.

O homem no seu estado natural está propenso à liberdade que, consiste na possibilidade de escolha limitada pela ética moral na qual foi criada.

A liberdade

Se ainda há inocentes a defender, se ainda há abusos a reprimir, se ainda há dores causadas pelas injustiças e leis promulgadas para as sarar o pretório continua jovem e a juventude não é nunca melancólica, porque tem o futuro diante dela.

Liberdade Comunicacional

No contexto comunicacional atual devido a rápida transformação, deparamos com conteúdos, mensagens não rentáveis, porque densas (ou demasiado próximas da intelectualidade), que se deve transformar-se esteticamente, até terem um aspecto apelativo e convincente, ou seja, comercial, comercializável.

Se o conteúdo for demasiado denso, deixa de ser lúdico. Sendo o desafio torná-lo lúdico, nem que seja necessário amordaçar-lhe a alma.

A liberdade de expressão está muito condicionada e é muito pouco democrático o processo de comunicação que abdica de liberdades individuais e de convicções.

Jacques Sttali (1999, p105) e Karl Popper (1995, p55-6) argumentam que a bem do bem-estar, do conforto, da idéia de “cool, deep & clean da idéia de belo e juventude” estabelecidos. É bem-pensante, é de bom tom e política, social e esteticamente correto falar de certa maneira e de determinados assuntos, ou simplesmente, evitar pronunciar-se sobre eles.

¹ Pedro, SIND, *Vida de Santo Agostinho*, <http://www.cade.com.br/>

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

Flutua vagamente ao sabor das necessidades criadas no cidadão público global e nos diversos nichos culturais, de consumo, por parte da economia política e das eternas elites pensantes, integradas na rede e ou marginais, as elites que se manifestam a favor e contra a rede de comunicação global. É, então, uma densa malha de rede comunicacional em autogestão e auto-reprodução. Resta conservar um espaço para um “novo contrato social de âmbito mundial” propõe Luís Boaventura.

A rede cria uma unificação de todas as tele-comunicações. Assim sendo, cria espaço para comunicações mais diretas e próximas, mais locais e inter-pessoais.

A rede revela-se um não-lugar exclusivo e exclusivista por onde passe “toda” a comunicação e informação do planeta.

A rede é, porém, constituída por muitas intersecções por vezes muito amplas, e pode aspirar-se, viver-se nas suas malhas. Numa simples, mas paralela rede alternativa. Numa espécie de “Twilight zone”, como fala Pierre Bourdieu (1996, p77), uma quinta-dimensão onde é, livremente, possível participar influenciando, partilhando e, quiçá acreditando. Onde todos possam ter instrumentos (nomeadamente mentais) de acesso a essa dimensão comunicativa.

A idéia não é chegar ao entendimento, mas sim evitar os constantes desentendimentos. Não é procurar uma solução, mas antes erradicar a origem dos problemas. Para isso conta-se com a paixão e liberdade, lado a lado com a racionalidade. Uma espécie de nova trilogia ou trindade, onde se encontram reunidos os sentidos, a razão e a vontade.

A comunicação seria assim a fusão, em trilogia, correspondente a estes conceitos. Aos sentidos corresponderia a expressão, à razão corresponderia a informação e à vontade corresponderia a argumentação.

Conclui-se então sem dúvida que, Agostino foi um exemplo raro de inteligência em toda a história do cristianismo. Era um pensador profundo, que em todos os temas que abordou imprimiu um cunho especial de seu gênio. Seus escritos, as suas obras, chegaram até nossos dias, cheias de vigor e atualizadas, como se tivesse sido escritas agora. Em cada frase, em cada pensamento, tende a pulsar de um coração cristão, verdadeiramente apaixonado com batidas cadenciadas e firmes, manifestando o seu imenso amor a Deus. Uma de suas frases ficou inesquecível

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

porque interpreta com felicidade uma espontânea e sincera manifestação de seu coração: "Ó beleza sempre antiga e sempre nova. Tarde te amei".

As duas obras Cidade de Deus nas quais acham-se confundidos os pensamentos a construção da Cidade de Deus diz respeito e tem valor histórico pois explica e traz comprovações. A história presencia e oculta um mistério existente entre a graça e a liberdade, salvando uns e perdendo outros.

Deus não condena nem salva os homens injustamente, sendo Ele amor e infinitamente bom, é também justíssimo, cada se salva por si só, por suas ações e pensamentos.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade

O ano de 1789 marca a primeira vitória na luta pelo reconhecimento dos Direitos Humanos, com a Declaração do Homem e do cidadão, conquista da Revolução Francesa cujo lema era: **liberdade, igualdade, fraternidade.**

O século seguinte pode ser definido como o século da liberdade. Ainda que a história da luta pela liberdade seja contígua à própria história da humanidade, será durante o século XIX que o ideal de liberdade se consolida. Caem, então, os últimos rincões de escravidão. Esta liberdade "física", traduzida no direito de ir e vir, e permanecer, é a mais primária delas e, porque não dizer, a mais essencial, posto que todas as outras modalidades de liberdade nela se apóiam. Todavia, liberdade tem significados muito mais amplos do que apenas a da locomoção, como liberdade de pensamento, de expressão, de consciência, de crença, de informação, de decisão, de reunião, de associação, enfim, todas estas e outras tantas que asseguram a vida condigna da pessoa humana. Porém, para que a pessoa seja, de fato, livre, é necessário, primeiramente, que ela seja liberta da miséria, do analfabetismo, do subemprego, da subalimentação, da submoradia. Assim, a luta pela liberdade continua não apenas para conservar as já conquistadas, mas para assegurar a verdadeira liberdade a quem ainda não a conquistou.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilza Maria Silva Moraes

Direito e Liberdade

Pensar o Direito é pensar a Liberdade. Fazer agir o Direito é viver a Liberdade. Intrinsecamente ligados. Mister é que se faça valer o direito à liberdade dentro dos parâmetros e paradigmas do Direito, isto é, temos o direito de nascer, crescer, estudar, comer, morar... e morrer. Esses direitos são necessários para se encontrar, de uma forma ou de outra, os caminhos, as metas e os objetivos de cada indivíduo, tanto para o bem, quanto para o mal, ou seja, a liberdade será determinada pelos seus princípios de "direito": o errar e o acertar.

A liberdade, antes de tudo, deve ser vista com responsabilidade. A responsabilidade de nossos atos é fato sumamente importante para que possamos fazer jus a "essa tal liberdade"...

Nos dias atuais, vemos e ouvimos, a toda hora e em todo lugar, pronunciamentos em prol da liberdade de expressão. O que seria isso? A grande mídia, tanto a falada, a escrita e a televisa, quer conquistar "essa tal liberdade". Vejamos... Nos anos 60 existia um objetivo comum: a Ditadura Militar. Os jovens pediam o fim da Ditadura, reivindicavam a redemocratização do País, pediam o fim do imperialismo, queriam a liberdade de expressão, a revolução sexual, paz e amor e a defesa do patrimônio nacional. E hoje? Qual será o ideal de liberdade tão almejado por todos? Podemos dizer que hoje, as demandas e as necessidades são outras. Hoje, há outros grupos organizados que saem às ruas para lutar por direitos, como os homossexuais, os negros, as mulheres etc.

Bem-aventurados, Senhor, os que moram em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos. Todas as partes do corpo incorruptível, agora destinadas a curtos usos necessários à vida, não terão outra função a não ser o louvor divino, porque já não haverá necessidade então, mas perfeita, certa, inalterável e eterna felicidade².

Toda harmonia existente oculta em nós se aflorará em todos os sentidos de forma a maravilhar-nos, pois, tudo isso junto a beleza racional atingirá os movimentos harmônicos perfeitos para louvar a Deus. Com isso será extinto o inarmônico. Reinará a

² Santo Agostinho, *Cidade de Deus contra os pagãos II*, p 586.

Liberdade em Santo Agostinho
Dilva Maria Silva Moraes

verdadeira paz; ninguém sofrerá contrariedade todos saberão o significado da liberdade na íntegra, como atuantes, participante ativo.

Ele será o fim de nossos desejos e será visto sem fim, amado sem enjôo e louvado, sem cansaço. Serão como a vida eterna, comuns a todos essa graça, esse afeto, essa ocupação³.

Ele sendo o nosso fim, ao encontrá-lo teremos o privilégio do bem eterno.

Por natureza, Deus não pode pecar; por outro lado, quem participa de Deus só recebe dele a graça de não poder pecar. "Não se pense que, visto os pecados já não poderem causar-lhes prazer, não terão livre arbítrio. Serão tanto mais livres quanto mais livres se vejam do prazer de pecar, até conseguirem o indeclinável prazer de não pecar". Guardar esta gradação é próprio do dom divino; dar, primeiro, livre arbítrio pelo qual o homem pudesse não pecar e depois, outro, pelo qual não pudesse pecar. O primeiro permitiria a aquisição do merecimento; o último, o recebimento de recompensa. Mas, porque essa natureza pecou, quando podia pecar, graça mais abundante a liberta, para chegar à liberdade em que não possa pecar. Assim como a primeira imortalidade, que Adão perdeu, pecando, consistiu em poder não morrer e a última consistirá em não poder morrer, assim também o primeiro arbítrio consistiu em poder não pecar e o último consistirá em não poder pecar. E a vontade de piedade e de equidade é tão inamissível como a de felicidade.

Não pensa o homem que conservaria a felicidade de ser livre pecando, mas o querer, o procurar a felicidade ou a liberdade, não o perde quando perdemos a felicidade ou a liberdade.

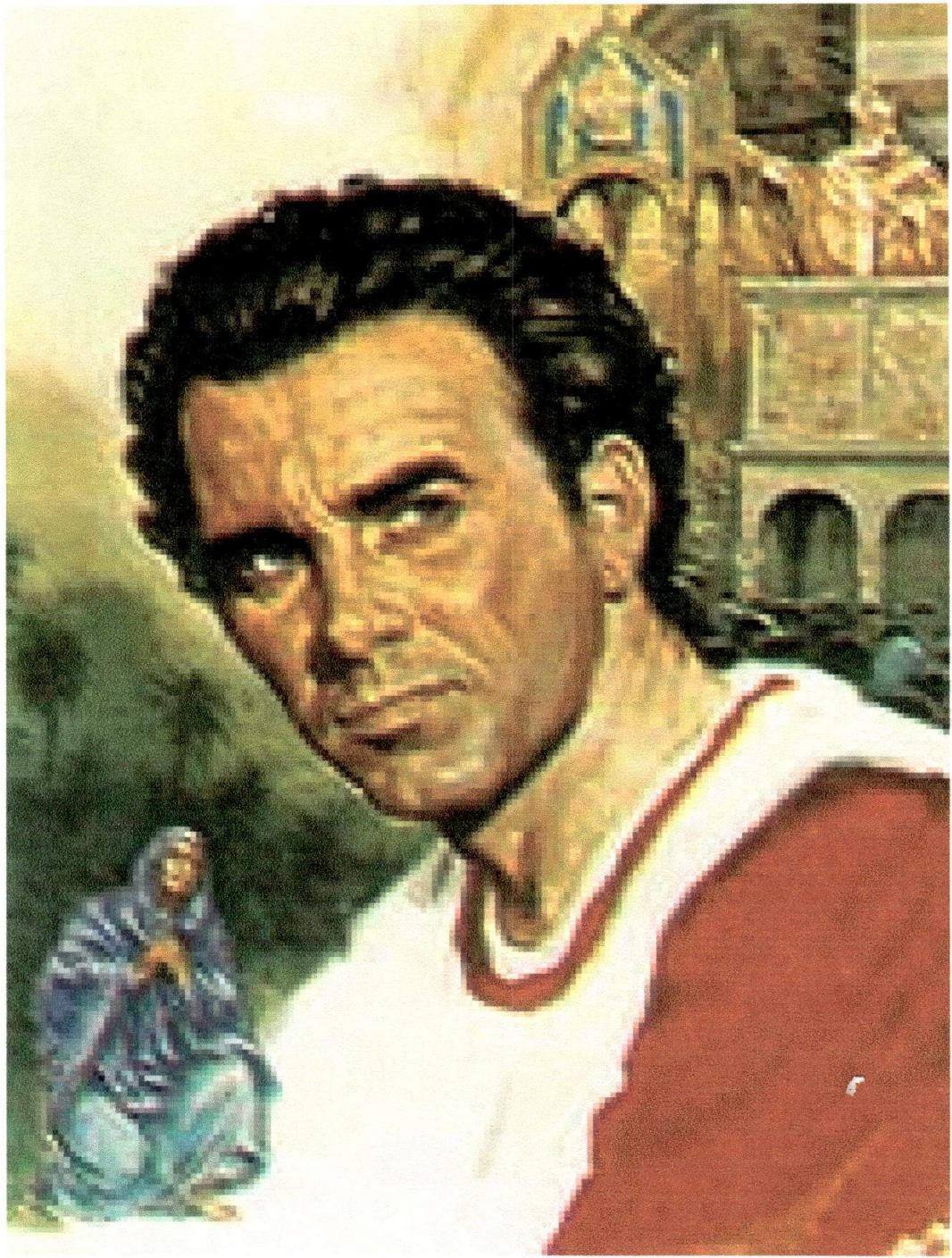
Todos os membros da cidade santa terão vontade livre, isenta de todo mal e repleta do todo bem, que gozará indeficientemente das inesgotáveis delícias da eterna alegria, esquecidas das culpas e dos castigos, mas sem se esquecerem da sua libertação, para não ser ingrata para com seu libertador.

Todos os homens provação tão maravilhosa felicidade completa, livre de todas as amarras que os faz escravos do pecado, que não os faz livres de todos males, e os mesmos darão graças e louvor imensurável àquele que os fez livres.

A alma lembrar-se-á dos males passados, mas intelectualmente e sem senti-los. Os males podem ser conhecidos de dois modos: por ciência intelectual ou por

³ Ibidem.

Apêndice







Conclusão

*A*o terminar este trabalho sobre a Liberdade em Santo Agostinho, fiquei emocionada, pois, o seu reencontro com Deus é um momento para se viver com divindade.

Falar do que é Liberdade para Santo Agostinho é falar do que é próprio da natureza do homem, é realizar, praticar e viver a nossa inclinação natural, pois se viemos de Deus iremos para Deus.

Dentro do plano de Deus somos respostas a um plano de Deus.

Se nos nossos toques utilizando a palavra estou mais certa de que os pensamentos são coisas vivas que nos eleva em estado de graça.

Na investigação do conhecimento humano podemos constatar que a dimensão contemplativa é o segredo de atingir o conhecimento necessário para alcançar a tão almejada Liberdade.

A Liberdade é um tema fascinante e desafiador que ao ser pesquisado foi além das fronteiras pretendidas, encontrei elementos para a compreensão do mesmo, pois é estimulante e benéfico alcançamos a plenitude e a harmonia mental.

Por outro lado não discordo de um todo do pensamento de alguns filósofos que pesquisei. Porque para alguns a Liberdade nada mais e do que uma incessante busca e quem garante que estes filósofos não estão à procura de Deus?

Obs. Quando terminei de pesquisar e escrever este trabalho monográfico, senti uma mistura de sentimentos no mínimo curiosa, fiquei contente e triste ao mesmo tempo. Uma parte de mim estava feliz porque tinha conseguido realizar um projeto que desejara muito e que representava um grande desafio. A outra parte de mim estava triste, meio vazia, porque havia um certo sabor de despedida.

Referências Bibliográficas

Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** Trad. Alfredo Bosi, 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, Enciclopaedia Britânica do Brasil, São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa.** 3ª ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JOSPIASSU, Hilton., DANILO, Marcondes. **Dicionário básico de filosofia.** 2ª ed, Petrópolis, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

LALANDE, Andre. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia.** Trad Fátima Sá Correia et al, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Livros

ARANHA, Maria Lúcia Arruda., MARTINS, Maria Helena Pires. **Introdução à filosofia.** 2ª ed, São Paulo: Modema, 1995.

BOEHNER, Philotheus., GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã.** 6ª ed, Petrópolis: Vozes, 1995.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SANTO AGOSTINHO. **A cidade de Deus parte I**. 3ª ed, São Paulo: Vozes, 1991. (Coleção Os Pensadores).

_____. **A cidade de Deus contra os pagãos parte II**. 2ª ed, São Paulo: Vozes, 1990. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Confissões**. 11ª ed, Petrópolis: Vozes, 1992. (Coleção Os Pensadores).

REALE, Giovane. **História da filosofia: do humanismo à Kant**. Vol I, São Paulo: Vozes, 1990. (Coleção Filosofia).

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 11ª ed, Petrópolis: Vozes, 2002.

STACCONE, Giuseppe. **O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus**. 2ª ed, São Paulo: Vozes, 1991.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia**. 9ª ed, Petrópolis: Vozes, 1996.

Internet

NELESSEN, Carlos Augusto B. **Vida e obra de Santo Agostinho**. <http://www.yahoo.com.br/>

SIND, Pedro. **Vida de Santo Agostinho**. <http://www.google.com.Br/>